

**A PRODUÇÃO DOS MILITANTES DO PARTIDO
COMUNISTA DO BRASIL (1962-1977): HISTÓRIA E
MEMÓRIAⁱ**

LA PRODUCCIÓN DE LOS MILITANTES DEL PARTIDO COMUNISTA
DE BRASIL (1962-1977): HISTORIA Y MEMORIA

THE PRODUCTION OF THE MILITANTS OF THE COMMUNIST PARTY
OF BRAZIL (1962-1977): HISTORY AND MEMORY

DOI: 10.22481/rbba.v10i01.8802

Luan Eloy Oliveira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4494-9942>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4040401922500788>
Endereço eletrônico: luansemwpp@gmail.com.br

RESUMO

O presente artigo propõe apresentar e discutir a produção de textos biográficos, autobiográficos e memorialísticos elaborados por militantes e ex-militantes do Partido Comunista do Brasil, fundado em 1922, no Rio de Janeiro. Pretende-se apontar as características e especificidades desse conjunto documental e da sua possibilidade e potencialidade de contribuição para a reconstrução de dimensões lacunares da história política do Brasil, sobretudo, no que diz respeito à movimentação dos trabalhadores organizados em agremiações partidárias.

Palavras-Chave: Autobiografia; Memória; Partido Comunista do Brasil.

A PRODUÇÃO DOS MILITANTES DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (1962-1977): HISTÓRIA E MEMÓRIA

RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo discutir la producción de textos biográficos, autobiográficos y conmemorativos de los militantes del Partido Comunista de Brasil fundado en 1922. La dirección de este artículo es señalar las características y especificidades de este conjunto de documentos y su posibilidad de contribuir a la reconstrucción de las dimensiones lacustres de la historia política de Brasil, especialmente en lo que respecta al movimiento de los trabajadores organizados en asociaciones partidarias.

Palabras clave: Autobiografía; Memoria; Partido Comunista de Brasil.

ABSTRACT

The present article aims at discussing the production of biographical, autobiographical and memorialistic texts by militants of the Communist Party of Brazil founded in 1922. The direction of this article is to point to the characteristics and specificities of this documental set and its possibility of contributing to the reconstruction of lacunae dimensions of the political history of Brazil, especially with regard to the movement of workers organized in party associations.

Keywords: Autobiography; Communist Party of Brazil; Memory.

A ESPECIFICIDADE DA “MEMÓRIA” E DE SEUS “SUPORTES MATERIAIS” COMO POSSIBILIDADE DE RECONSTRUÇÃO DA EXPERIÊNCIA DO HOMEM NO TEMPO

Nas últimas décadas do século XX, um número significativo de pesquisadores e teóricos atentou-se para uma dimensão específica da realidade social que, embora sazonalmente figurasse suas reflexões, até então, não havia atraído representativa expressão e problematidade. Para Tzvetan Todorov (2000), foram os regimes totalitários desse mesmo século que revelaram a existência de um perigo iminente: a supressão da memória. Muito embora, ainda segundo este autor, a perseguição e destruição da memória não se tratou de uma prática restrita aos movimentos políticos particulares ocorridos durante o século XX, é nele que uma preocupação no tocante à memória ganha outro contorno: “[...] las tiranías del siglo XX han sistematizado su apropiación de la memoria y han aspirado a controlarla has en sus rincones más recónditos. (TODOROV, 2000, p. 13). Implica, portanto, considerar que não

A PRODUÇÃO DOS MILITANTES DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (1962-1977): HISTÓRIA E MEMÓRIA

somente os “monumentos” passaram a ser compreendidos como ancoradouros da memória e identidade, mas que, para além do imediatamente visível, abaixo da superfície, a sociedade encontra diversos outros mecanismos de produção/construção do conhecimento e sentimento em relação à sua própria experiência.

Pode-se concluir, em linhas gerais, que esses caminhos contribuíram para a inscrição da memória na pauta dos historiadores, especialmente confluindo com um descolamento patente de abordagens muito ligadas à história e documentos oficiais em privilegio de registros pessoais, como relatos orais, possibilitando uma história “vista de baixo” (THOMPSON, 2001, p. 185-203), colocando “em destaque todas as formas de marginalidade como atores privilegiados da história: os operários, os emigrantes, os camponeses pobres, as minorias étnicas, as mulheres” (JOUTARD, 2007, p. 226).

A “memória”, enquanto dimensão da experiência histórica individual e coletiva, invade a ciência histórica como uma necessidade, manifestando a sua importância e urgência. Em rigor, por não ser um fenômeno autônomo, não é a memória que se elege como um elemento crucial no saber histórico, sua emergência é antes de tudo uma demanda social. Para François Dosse, é toda uma sociedade que “recusa a ser órfã e se esforça para buscar sua origem em sua história”, pois, “na falta de um presente que entusiasme e perante um futuro inquietante, subsiste o passado, lugar de investimento de uma identidade imaginária através dessas épocas, no entanto próximas, que perdemos para sempre”. Esse momento histórico é marcadamente a ocasião onde “todos abandonam os tempos extraordinários em troca da memória do quotidiano das pessoas comuns” (DOSSE, 1992, p. 13). O historiador é então convidado a averiguar o passado/presente na busca de um conjunto de elementos capazes de dar sentido, orientação aos grupos sociais. As conclusões de François Dosse valem especialmente para a sociedade francesa, onde, segundo sugere implicitamente, o avanço da modernidade sobre as tradições tem desempenhado um papel dissolvente. Para Pierre Nora, antagonicamente, é a própria história acadêmica que conflui para a destruição da memória/tradição, com sua “reconstrução sempre problemática e incompleta”, “laicizante”, “deslegitimadora”, “dessacralizadora” (NORA, 1993, p. 10).

Uma perspectiva ainda mais radical sobre essa demanda social por memória é apresentada por Myriam Sepúlveda dos Santos (1993): o pesadelo da amnésia coletiva. Segundo essa interpretação, a experiência da sociedade contemporânea com seus aspectos característicos (capitalista, industrial burocrática, de consumo ou de meios de comunicação

A PRODUÇÃO DOS MILITANTES DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (1962-1977): HISTÓRIA E MEMÓRIA

em massa) tem constituído homens e mulheres integralmente vazios, estes “indivíduos não têm memória, pois as experiências de vida foram substituídas por informações, e as lembranças do passado constituem recuperação de dados” (SANTOS, 1993, p. 02). Igualmente estão destituídos de suportes ou mecanismos capazes de referenciar seu passado, suas experiências, estão isentos de elos que funcionariam mantendo sólidos os grupos sociais. Seus “valores” são crescentemente substituídos por objetos de consumo e por relações reificadas. A própria autora procura contemporizar as opiniões, embora fique evidente a existência de alguns desses aspectos. Ela assente que a forma de lembrar e compreender o passado é constante e continuamente modificada e que memória não se resume a uma reconstrução do passado no presente ou determinações do passado neste, mas o que lhe caracteriza é a diversidade de sua manifestação. Para qualquer que seja o argumento dos autores apresentados, o fato é que a memória tem se constituído como uma prioridade na ciência histórica.

Longe de alcançar um diagnóstico definitivo acerca da memória e de sua problematização no campo da ciência histórica, diversos historiadores têm construído rotas onde se entrevê esclarecimentos e sugestões para a sua utilização/tratamento. Peter Burke (2000) sintetiza o que ele considera como a existência de duas posturas dos historiadores em relação a memória: a) a existência de uma espécie de “modalidade” histórica, (história social do lembrar) onde a memória é apreendida como um fenômeno histórico e abordada através dos seus aspectos de transmissões, modificações, preservações sociais, no tempo e lugar; b) a memória como fonte histórica. Embora sua reflexão priorize a “história social do lembrar”, Burke não se abstém de ponderar que os historiadores “têm de estudar a memória como fonte histórica, elaborar uma crítica da confiabilidade da reminiscência, no teor da crítica tradicional de documentos históricos” (BURKE, 2000, p. 72). Evidentemente, não se trata de reduzir a tarefa do historiador a atestar a veracidade ou verossimilhança do conteúdo da memória, mas antes e primordialmente, investigar o seu processo de construção e “materialização”. Considerando o fato de que, se a memória é um constructo social, é preciso então “ver o processo de seleção, interpretação, e a distorção como condicionado, ou pelo menos, influenciado por grupos sociais. Não é obra de indivíduos isolados” (BURKE, 2000, p. 72).

Parece também ser essa a conclusão do Phillippe Joutard quando, ainda que timidamente, considera que “o trabalho — e também o dever — do historiador é fazer da memória um objeto da história para expor o seu caráter construído, revelando as suas fraquezas e a sua instrumentalização” (JOUTARD, 2007, p. 231). Após concluir que História e Memória

A PRODUÇÃO DOS MILITANTES DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (1962-1977): HISTÓRIA E MEMÓRIA

são “duas vias de acesso ao passado paralelas e obedientes a duas lógicas distintas” (JOUTARD, 2007, p. 225), implicitamente sugere ao historiador investigar a lógica e os processos através dos quais a memória é construída/reconstruída, utilizando-se do domínio e dos instrumentos viabilizados pelo conhecimento histórico. Para Elizabeth Jelin, esse processo de investigação no qual a memória se constitui ora como fonte ora como próprio objeto da história poderia ser denominado como a tarefa de “historizar la memoria” onde

No se trata de descubrir y denunciar “memorias falsas” o de analizar las construcciones simbólicas en sí mismas, sino de indagar en las fracturas e hiatos entre ambas, y entre las diversas narrativas que se van tejiendo alrededor de un acontecimiento. La multiplicidad de narrativas, desde las burocráticas y periodísticas hasta las intimistas y personalizadas recogidas en testimonios de familiares de víctimas –referidas a un acontecimiento del pasado pero integradas en la temporalidad del momento en que se narra- le permite incorporar la complejidad de niveles (lo ético-político, la acción colectiva, lo personal) en el análisis de los mecanismos de transposición y descomposición del tiempo que funcionan en la subjetividad. (JELIN, 2004, p. 77).

Constata-se, portanto, que a memória pode se constituir como uma fonte histórica capaz de oferecer ao conhecimento histórico outra perspectiva do fato e processos sociais. É nesta direção que segue este trabalho: intencionado em apontar a existência de uma série documental que, eivada de identidade, sentimentos, personalidade, parcialidade, não se torna material dispensável para a análise e reconstrução da experiência humana no tempo, inversamente, é capaz de oferecer a possibilidade de preencher lacunas e sugerir novas óticas, perspectivas e aprofundamentos. Porém, algumas indagações subsistem. Certamente a história oral “praticada” com maior intensidade a partir da década de 1970 tem dado mostras significativas de como a fala, assim como suas interrupções e silenciamentos, pode se constituir como repositório/dispositivo de construção de memória, e não é sem razão que, para alguns historiadores, a história oral se compôs como um “laboratório de reflexão metodológica” (FERREIRA, 2002, p. 326-33) à medida que procurou rediscutir método, processos, periodicidades, terminologias e metodologia.

Para além da expressão na fala, a memória também tem sido localizada/problematizada na manifestação coletiva, através dos ritos, festas, comportamentos, sentimentos, muitas vezes traduzida como tradição ou “mentalidades”. As atividades mnemônicas também foram abordadas através da análise de objetos, biográficos ou públicos, monumentos, livros, fotografias, cinema, cartas, costumes familiares, gestos e etc. É também na ocasião de

A PRODUÇÃO DOS MILITANTES DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (1962-1977): HISTÓRIA E MEMÓRIA

“descoberta” dessas fontes históricas e suportes/dispositivos de construção da memória que as biografias, autobiografias e livros de reflexão assumem *status* privilegiado para reflexão científica.

BIOGRAFIAS, AUTOBIOGRAFIAS E TEXTOS MEMORIALÍSTICOS DOS MILITANTES PECEBISTAS: POSSIBILIDADES DE INTERPRETAÇÕES E RECONSTRUÇÕES HISTÓRICAS

Paulo Sérgio Pinheiro (1978), em prefácio realizado na autobiografia de Octávio Brandão, militante de grande destaque e atuação no PCB, sobretudo durante a década de 1920, afiançou que sua “autobiografia é o pretexto para uma análise histórica”, e se constitui essencialmente como um “monumental documento histórico” por se tratar de uma fonte privilegiada que oferece uma nova perspectiva para se investigar a história política e social da Primeira República. Ainda caracterizando a importância dessa fonte histórica, o prefacista assinala ser a autobiografia de Octávio Brandão um

[...] documento privilegiado para a tentativa de construção de uma nova periodização da política brasileira. Um novo quadro político em que as referências não sejam as classes dominantes e sua tradicional empreitada de exclusão das classes subalternas. Mas ao contrário, os momentos de ruptura dessa dominação, os abalos experimentados pelo poder e pelo exercício da autoridade das classes dominantes, garantidos através do controle social e da repressão policial. (PINHEIRO, 1978, p. 17-20).

Tais considerações, com a devida ponderação e guardada as especificidades do documento referenciado, podem ser estendidas às demais autobiografias e livros de memórias dos militantes e ex-militantes do PCBⁱⁱ, uma numerosa lista de outros títulosⁱⁱⁱ.

É no conjunto destes textos publicados com relativa proximidade e objetivos comuns que se pode destacar a *História das Lutas Sociais no Brasil*, editado em 1962 pela Edaglit, e republicado em 1977 pela Editora Alfa-Ômega, de autoria do militante comunista Everardo Dias. Não se trata estritamente de um texto autobiográfico, antes, se situa na fronteira de uma publicação de densa reflexão histórica na qual o militante comunista prescinde de parâmetros científicos e avalia a partir de um posicionamento declaradamente pessoal o movimento operário, sindicalista e comunista no Brasil e a tímida recuperação de sua trajetória individual. Priorizando temas como *democracia, liberdade, socialismo, sindicalismo, trabalhismo* o militante permite entrever seu posicionamento político, bem como, a sua interdependência aos grupos pelo qual transitou, sobretudo o PCB. É neste sentido que,

A PRODUÇÃO DOS MILITANTES DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (1962-1977): HISTÓRIA E MEMÓRIA

objetivando recuperar a “história das lutas sociais no Brasil” o faz a partir de um lugar específico, manifestando interesses na construção de uma memória que pretende que seja perenizada, na construção de elementos capazes de fomentar um sentimento de pertença e identidade^{iv} e na elaboração de propostas políticas.

Também Leôncio Basbaum (1907-1969) não se absteve do “dever” de prestar contas, de “refletir sobre seu passado” (BASBAUM, 1976, p. 13). Militante com atuação de destaque em diversos momentos e tarefas no PCB, foi responsável pela organização do 1º Comitê Regional da Juventude Comunista em Recife, em 1927, e posteriormente seguiu para Bahia com igual propósito, ainda neste mesmo ano passaria a compor o Comitê Central Executivo do Partido ficando responsável pela organização da Juventude Comunista a nível nacional. Em 1929 se tornara componente do Comitê Central do PCB, no qual lhe coubera quadro na Secretaria-Geral, e ocupando-se ainda da Secretaria de Agitação e Propaganda (ANTONACI, 2014, 57-59). Sua dedicação ao Partido não o resguardou da política de “obreirismo” ou “proletarização” decorrente das orientações vigentes no PCB durante os anos iniciais de 1930, o que o levaria, junto com parte significativa da antiga direção PCB à expulsão^v. Retorna ao Partido somente em 1936 e permanece nele até meados de 1957, quando o mesmo passa por intenso processo de crise.

A importância da contribuição intelectual de Leôncio Basbaum é inegável, mesmo que atualmente ocupe a “obsolescência” como bibliografia fundamental para a historiografia brasileira ou seja tratada com relativo descuido como fonte documental primordial para se entender parâmetros teórico-filosóficos de interpretação da história do Brasil. *História Sincera da República*^{vi}, obra autoral publicada em quatro volumes, é, sem dúvida, seu empreendimento de maior peso, e figurou, durante algum tempo uma importante porta pela qual os comunistas poderiam conhecer a história do Brasil, sob uma aproximação com base em uma interpretação do materialismo histórico.

Destas (auto)biografias brevemente apresentadas, coetâneas e estruturadas a partir de determinações comuns, acresce-se também *Vida de um Revolucionário* (1962), elaborada por Agildo Barata. Eleito vereador no Rio de Janeiro pelo PCB, no pleito de 1947, Agildo Barata talvez seja, entre os militantes aqui elencados, um dos possuidores da trajetória mais intensa e controversa. Transitou entre vários setores e segmentos da sociedade e de suas organizações e movimentos políticos. Aproximou-se do tenentismo durante a década de 1920, considerando que em suma “não tinha objetivos definidos, mas se batia pela verdade representativa pleiteando

A PRODUÇÃO DOS MILITANTES DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (1962-1977): HISTÓRIA E MEMÓRIA

eleições livres e honestas através do voto secreto” (BARATA, 1978, p. 65), participou ativamente do processo que parte da historiografia foi conduzida a tratar como “Revolução de 30” e posteriormente da complexa construção do governo getulista no Nordeste, ao lado de Juarez Távora e Juracy Magalhães, entre oposições e colaborações. Sua trajetória contou também com a participação na “Revolução Constitucionalista” em 1932, e dedicou-se em 1935 a organização da Aliança Nacional Libertadora na cidade de São Leopoldo (RS) (ANTONACI, 2014, p. 86-88; BARATA, 1978, p. 87-248). Durante meados da década de 1930 aproximou-se do marxismo^{vii} e aderiu ao Partido Comunista do Brasil^{viii}, tendo neste uma ativa participação, inclusive nos anos que abalaram o partido 1956-1962.

Sua autobiografia se constitui de um relato bastante rico acerca dos movimentos onde transitou. Entre episódios de sua vida particular e de sua trajetória política, entrevê-se sua avaliação particular de importantes momentos da história política e social brasileira, e sobretudo, uma análise detida acerca da atuação do PCB entre a década de 1930-1960. Emblematicamente, seu texto termina com uma reflexão acerca da conjuntura, no sentido de explicar as causas e episódios que deram a sua saída do PCB e um acerto de contas com o chamado “*Núcleo Dirigente*”, que segundo sua análise, conduzira o partido com “mãos de ferro”^{ix}.

Outro ponto a se atentar diz respeito à concepção da autobiografia como instrumento que, ao lado da imprensa popular^x, permite, consubstancialmente, demarcar posicionamentos pessoais e propor intervenções políticas, passar aos novos militantes um conhecimento substancial baseado na experiência e avaliar criticamente a história do movimento operário e de esquerda. Logo, reafirmando, é em virtude disso que essa documentação permite o acesso à uma dimensão ainda lacunar na historiografia brasileira.

É nesta direção que as páginas de a *Vida de um Revolucionário*, assim como as outras autobiografias e textos de memória, se preenchem de conteúdo. Passado, presente e futuro manifestam-se de maneira consubstanciada à medida em que, no presente, 1962, elabora uma reflexão sobre o passado, trajetória do PCB e do movimento operário brasileiro, e tem por corolário do conhecimento a sua própria experiência. Essa construção é sempre em vista de expectativas futuras, da utilidade que seu conhecimento poderá assumir para os leitores, possivelmente novos militantes. É em decorrência dessas assertivas que se lê em Agildo Barata: “É que eu cheguei a estas conclusões depois de consumir 22 anos de minha existência na sua aplicação devotada e honesta, mas inútil. Penso ser de meu dever entregar ao exame de meus

A PRODUÇÃO DOS MILITANTES DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (1962-1977): HISTÓRIA E MEMÓRIA

contemporâneos essas considerações, desejando que eles façam delas o uso que entenderem [...]” (BARATA, 1978, p. 369).

Atesta-se então que essas fontes (auto)biográficas permite o acesso à campos, espaços e dimensões ainda carentes de investigações. Lugares individuais, de sentimentos, sensações, concepções teóricas, óticas, perspectivas, e também, dialeticamente, lugares coletivos, de disputas, enquadramentos, encontros, reforços, lutas.

Em 1962 outro importante texto chega ao público e passa a compor o cenário literário da esquerda comunista, e mais particularmente as alas do Partido Comunista do Brasil, desta vez sob a autoria de Astrojildo Pereira^{xi}. A *Formação do PCB 1922/1928*, publicado pela Editorial Vitória, em 1962, acresce o conjunto publicações elaboradas pelo militante comunista que ao longo de sua trajetória contribuiu em jornais, revistas e periódicos populares (*A Classe Operária*, *Novos Rumos* (RJ) *Movimento Comunista*, *A Nação*) e publicara também em formato de livros (PEREIRA, 1962; 1980; 1985). A tonalidade assumida em a *Formação do PCB* é relativamente tímida: “[...] reunir em volume uma parte desses artigos e notas já divulgados, e certamente mais ou menos esquecidos, que apresentamos a título de simples apontamentos para servir a história da formação do Partido” (PEREIRA, 1962, p. 09). Trata-se, portanto, de uma coletânea de artigos escritos e publicados durante os anos de 1922-28, na imprensa popular^{xii}.

O livro de Astrojildo Pereira aparece como uma resposta, segundo ele sugere, à demanda de muitos militantes que “entendem que podemos (e que até devemos) escrever a história do Partido” (PEREIRA, 1962, p. 09). Embora competente para tal tarefa sente-se desanimado a fazê-la, em virtude, principalmente, da ausência e dispersão de seus documentos, decorrente das frequentes perseguições e da pouca vida legal que o Partido gozara. Nesta impossibilidade prossegue então com a reunião de artigos que poderá se constituir de “material” para uma “construção” futura de uma história do Partido. Sua publicação carrega então, implicitamente, o interesse em tornar-se fonte histórica^{xiii}. E de fato consagrou-se entre trabalhos posteriores como relevante fonte documental^{xiv}.

No ano posterior a publicação de a *Formação do PCB*, Octávio Brandão, que inclusive em outros tempos (1920-30) tivera uma intensa atividade conjunta com Astrojildo Pereira nas tarefas de construção e consolidação do Partido, assevera sobre o texto: “Abstrai-se dos combates e combatentes. Está cheio de omissões. Silencia a verdade histórica. Não faz justiça histórica”^{xv}. Após listar inúmeros militantes operários, “homens simples do povo trabalhador”,

A PRODUÇÃO DOS MILITANTES DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (1962-1977): HISTÓRIA E MEMÓRIA

indaga com severidade, “mas o camarada Astrojildo Pereira, em seu livro *Formação do PCB*, não dedica sequer uma linha aos militantes operários. Não cita sequer um único operário comunista, mesmo os que faleceram. Esquece suas vidas e suas lutas. Como explicar tamanha conspiração do silêncio?” e prossegue acusando-o “[...] O camarada Astrojildo Pereira faz o contrário. Silencia até mesmo os combatentes que ele conheceu de perto”^{xvi}.

Octávio Brandão avança em todo seu texto percorrendo detidamente a publicação de Astrojildo Pereira, questionando com vigor cada ponto do que ele considera ser uma “conspiração do silêncio”. Opõe-se assim sistematicamente à escolha dos temas, dos episódios, a seleção dos nomes, a escolha das datas, dos jornais e impressos. Adverte: “A obra fala sobre Cristiano Cordeiro e Rodolfo Coutinho. E por que não fala sobre o jornalista Sady Garibáldi e outros intelectuais da época? Por que só menciona de raspão o jornalista Pedro Mota?”^{xvii}. Por mais que, como apontamos anteriormente, a obra de Astrojildo Pereira se constitua de uma coletânea de artigos publicados nos jornais, ela não deixa, como entendeu Brandão, de elaborar uma rigorosa seleção. Uma seleção que carrega, tese que pretendemos evidenciar a respeito destas publicações autobiográficas coetâneas, uma intencionalidade política e é fruto de determinações conjunturais. Ainda tratando sobre os intelectuais, Octávio Brandão conclui: “[...] destaca outros intelectuais que são ou foram pessoas excelentes. Mas deixaram de militar nas células e organizações do PC. Não tinham nenhuma tarefa específica. Limitavam-se a atitudes simpáticas de tempos em tempos, sem espírito de continuidade”^{xviii}. Cada nome selecionado representa, portanto, uma posição política que Octávio Brandão recusa sistematicamente e se arrisca inclusive propor nomes substitutivos^{xix}.

AUTOBIOGRAFIAS E “PRODUÇÃO MILITANTE”: UMA PORTA DE ACESSO PARA A HISTÓRIA OPERÁRIA

Documento é “tudo que pode ser interrogado por um historiador com a ideia de nele encontrar uma informação sobre o passado”, cabe problematizar e sobretudo evidenciar a natureza peculiar, neste caso, da memória e de seu processo de construção/reconstrução e objetificação como documento, através do “arquivamento”, num suporte material e funda-se na constituição de “prova documental” (RICOEUR, 2007, p. 170-190). Em outros termos, cabe levar com rigor o tratamento de fonte histórica a este documento, o que requer o entendimento das suas condições e processos de produção e a sua própria natureza e conteúdo.

A PRODUÇÃO DOS MILITANTES DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (1962-1977): HISTÓRIA E MEMÓRIA

Em 1995, o pesquisador Cláudio Henrique de Moraes Batalha apresentou no *XIX International Congress of the Latin American Studies Association*, um texto, resultado das reflexões desenvolvidas durante sua trajetória acadêmica, intitulado “A Historiografia sobre a Classe Operária no Brasil: Trajetória, Crise e Perspectivas”. O referido texto passou a compor uma coletânea de ensaios e artigos acerca dos horizontes da historiografia brasileira^{xx}, passando também a se constituir como referência recorrente em trabalhos ulteriores que elegem o movimento dos trabalhadores brasileiros na Primeira República como objeto de reflexão. Nas elaborações do historiador, o movimento operário brasileiro teria sido abordado inicialmente por militantes e ex-militantes, no geral jornalistas e advogados ligados aos partidos e organizações que ensejavam reconstruir a trajetória, uma “produção militante” (BATALHA, 2001).

No que se refere à “produção militante”, Cláudio Batalha aponta como aspectos característicos: o “estilo hagiográfico”, “a função legitimadora do papel e das políticas das organizações ou indivíduos de que trata”, a criação de uma cronologia própria e uma concepção teleológica da história (BATALHA, 2001, p. 145). A rigor não é a forma e o conteúdo que têm sido os instrumentos utilizados para caracterizar essa “produção”, haja vista que ainda está por fazer um estudo conjunto e comparativo capaz de aprofundar nas bases teóricas e epistemológicas dessa “produção militante”, bem como nos aspectos relacionados ao formato. É possível considerar uma produção tão vasta, de biografias, autobiografias, livros de memória e reflexão histórica, oriunda de indivíduos com formação teórico-filosófica distintos e que assumem e ocupam ligações específicas com as organizações, possa ser integrada em um mesmo “conjunto”, hagiográfico e ideologizado? ou o fato de serem produzidas por militantes ou ex-militantes seja a principal característica capaz de dar unidade analítica a essa produção?

Persiste a necessidade de observar essas obras como fontes históricas capazes de informar tanto acerca da conjuntura sob a qual foram produzidas, como sobre os processos e episódios que pretendem representar. Esse aprofundamento não pode prescindir de uma abordagem teórica acerca de como a memória, a ideologia e a história se articulam na produção do conhecimento e o sentido acerca do passado, igualmente como se processa a sua instrumentalização para reflexão e intervenção no presente.

Um texto clássico do historiador francês Georges Haupt, publicado em 1985 na *Revista Brasileira de História*, onde anseia responder “Por que a História do Movimento Operário?”, tomando como base ponderações acerca da história referida como “história tradição” ou

A PRODUÇÃO DOS MILITANTES DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (1962-1977): HISTÓRIA E MEMÓRIA

“história operária” e a “história acadêmica”, parece ter influenciado sobremaneira os historiadores brasileiros na apreciação da trajetória da reflexão sobre o movimento e as classes trabalhadoras no Brasil. Em sua avaliação sobre a produção dos militantes e ex-militantes ligados aos movimentos dos trabalhadores na Europa, Georges Haupt evidencia a existência de uma “história-tradição” obediente a tarefa de resolver dissídios ideológico-políticos ou engajada na empreitada hagiográfica. Para este historiador, ainda considerando acerca da “história-tradição”, “sua função essencial é ideológica: ela consiste em forjar a coesão, em demonstrar a continuidade, em perpetuar as lendas oficiais que servem de referência e que ocupam o lugar da explicação”. A reconstituição histórica estaria então subsumida à “história das ideias, das instituições, dos dirigentes, a uma narrativa conjuntural de sucessos e vitórias, a uma epopeia heroica retocada sem cessar pelas necessidades das disputas ideológicas (HAUPT, 1985, p. 210-215). Essas conclusões foram, sobretudo, erigidas a partir da avaliação da historiografia francesa.

Não que seja improvável chegar a semelhantes conclusões acerca das primeiras tentativas de recuperação da trajetória dos trabalhadores e organizações operárias no Brasil, no entanto, a não sistematização de indícios e aspectos desse tipo de produção, presente em obras contingenciais, impossibilita uma generalização e conclusão decisiva acerca da “produção militante”.

No tocante às reflexões desenvolvidas sobre a reconstrução da trajetória histórica do PCB, o que pode se estender ao próprio percurso da classe trabalhadora, de suas organizações e lutas no Brasil, a sua reconstrução foi sempre problemática, dificultada sobremaneira pela destruição sistemática dos documentos, livros e arquivos pessoais. As condições objetivas da realidade histórica impelem considerar que a classe operária desprovida dos meios de produção, e conseqüentemente despojada também do direito de registro histórico e mesmo de *status* de agente histórico, não vê senão através do prisma memorialístico, biográfico e autobiográfico, alternativa para não só inscrever-se na história escrita, como também reivindicar o reconhecimento da sua existência. Mesmo para historiadores “profissionais”, a pesquisa documental, não raras vezes, esbarra em lacunas significativas no que se refere às fontes históricas, visto que

as fontes sobre a história social foram em grande parte destruídas pelas forças da repressão, que constantemente, na história do nosso país, se lançaram contra militantes, partidos políticos, sindicatos e instituições culturais democráticas. Assim a polícia brasileira destruiu fisicamente, ou no melhor

A PRODUÇÃO DOS MILITANTES DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (1962-1977): HISTÓRIA E MEMÓRIA

dos casos, apreendeu grande quantidade de documentação (CARONE, 1981, p.211).

O processo sistemático de confinamento e destruição de importantes fontes de acesso à história dos trabalhadores, sobretudo, as fontes propriamente produzidas por seus militantes, organizações e partidos operários, refletem sobremaneira na constituição dos seus arquivos que “são frequentemente muito mais fragmentados, por diversas razões relacionadas à repressão, à fraqueza das organizações, mas, também, às vezes, à sua falta de interesse”. Ainda assim, essas fontes e estes arquivos são instrumentos importantes de acesso à história da trajetória do proletariado e das suas manifestações, pois prioritariamente reelaboram a perspectiva da visão dominante marcadamente presente nos documentos oficiais e “são em geral muito ricos, sobretudo matizam e reequilibram as informações fornecidas pelos arquivos públicos, especialmente os policiais” (WOLIKOW, 1996/97, p. 53). Não é excepcional encontrar nas biografias e autobiografias, e mesmo nos textos acadêmicos, os relatos de sequestro, confisco e destruição da documentação operária. Everardo Dias denuncia aquilo que, pelo cotejamento com outros relatos, parece ser uma constante na trajetória das organizações operárias. Segundo informa,

Nem os jornais escapavam a essa vesânica perseguição. Era muito comum a prisão dos responsáveis pela publicação; eram invadidas as redações, inutilizados ou apreendidos os arquivos. Os sindicatos eram varejados a qualquer movimento de reivindicação que se preparava e presos aqueles que se encontrassem nas sedes. Às vezes, os próprios móveis e livros que compunham a biblioteca eram apreendidos e conduzidos para as delegacias policiais a fim de serem destruídos (DIAS, 1977, p. 68-69).

Nestas condições, a reflexão, ainda que inconclusiva segue o objetivo de chamar atenção para o caráter específico da “memória” e da sua expressão em “suportes materiais” biográficos, autobiográficos e memorialísticos. Apontando para a direção de destacar que a especificidade deste campo do saber e de prática social o coloca como uma alternativa distintiva para preencher lacunas e carências da história política brasileira, sobretudo operária.

REFERÊNCIAS

ANTONACI, Giovanna de Abreu. **Os presos comunistas nos cárceres da Ilha Grande (1930 1945)**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense, 2014.

BARATA, Agildo. **Vida de um Revolucionário: memórias**. São Paulo, Alfa-Ômega, 1978.

A PRODUÇÃO DOS MILITANTES DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (1962-1977): HISTÓRIA E MEMÓRIA

BASBAUM, Leôncio. **Uma vida em seis tempos: memórias**. São Paulo, Alfa-Omega, 1976.

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. A historiografia da classe operária no Brasil. In: _____ FREITAS, Marcos Cezar de. **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto/USF, 1998. p.145-158.

BRANDÃO, Otávio. **Combates e Batalhas: memórias – 1º**. Volume. São Paulo, Alfa-Omega, 1978.

BURKE, Peter. “História como memória social”. In: _____ **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000.

CARONE, Edgar. **Classes sociais e movimento operário**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. Para Recuperar a Memória Histórica do Movimento Operário Brasileiro. **Memória e História**, nº. 1, Revista do Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro. São Paulo, Livraria Editora Ciência Humanas, 1981.

DIAS, E. **História das lutas sociais no Brasil**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977

DOSSE, François. **A história em migalhas: dos Annales à Nova História**. São Paulo: Ensaio; Campinas: EdUnicamp, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi** (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 1, n.5, p. 314-332, 2002.

HAUPT, Georges. Por que a história do movimento operário?. **Revista Brasileira de História: produção & transgressões**. São Paulo, v. 5, nº10, março/agosto 1985, p. 208-231.

JELIN, E. **Los trabajos de la memoria**. Madrid y Buenos Aires, Siglo XXI Editores, 2003.

JOUTARD, Philippe. Reconciliar história e memória. **Escritos**: revista da Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, ano 1, n. 1, p. 223, 2007.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

PEREIRA, Astrojildo. **Formação do PCB**. Rio de Janeiro: Vitória, 1962.

_____. **Construindo o PCB (1922/1924)**. São Paulo: Hucitec, 1980.

_____. **URSS, Itália, Brasil**. São Paulo: São Paulo, Novos Rumos, 1985.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Prefácio. In: BRANDÃO, Octávio. **Combates e Batalhas**. Prefácio de Paulo Sérgio Pinheiro. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, vol. 2, nº 3, p. 03- 115, 1989.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François et. al.

A PRODUÇÃO DOS MILITANTES DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (1962-1977): HISTÓRIA E MEMÓRIA

Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, Myriam S. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo, Annablume, 1993.

TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de la memoria**. Barcelona: Paidós, 2000.

THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

WOLIKOW, Serge. “A Concepção da História Operária diante da Abertura dos Novos Arquivos (a respeito dos Arquivos do Komintern)”. In: _____ **Cadernos AEL**. Campinas: AEL/ IFCH/ Unicamp, nº 5/6, 1996-1997.

NOTAS

ⁱ O artigo é parte de uma pesquisa mais ampla desenvolvida durante o Curso de Mestrado no Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e sociedade – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, sob a orientação da professora Dra. Maria Aparecida Silva de Sousa.

ⁱⁱ Em 1961, gozando de uma relativa semilegalidade, o Comitê Central do Partido opta pela mudança do nome de Partido Comunista do Brasil para Partido Comunista Brasileiro na tentativa de adequar-se à legislação para legalizar-se, afirmando-se assim, na circunstância da burocracia institucional, como um partido nacional e não como uma célula de uma organização estrangeira. Portanto quando adotarmos a legenda Partido Comunista do Brasil nos referimos ao período que vai de 1922 a agosto de 1961, e Partido Comunista Brasileiro a mesma agremiação no período seguinte. Mantém-se a abreviação PCB durante todo o período. É comum encontrar na documentação e nos artigos produzidos por militantes e publicados até 1961 a indistinação quanto a legenda, deve-se ao fato de somente em 1962 surgir outro partido que pretende-se também nacional e comunista (PCdoB), não havendo portanto necessidade de diferenciação até então. Ver, a título de exemplo, os artigos de Astrojildo Pereira reunidos em: **Z Aidan Filho, M. Construindo o PCB: 1922 - 1924**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1980.

ⁱⁱⁱ BARATA, Agildo. **A Vida de um revolucionário: memórias**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978; PERALVA, Osvaldo. **O retrato**. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1960; BASBAUM, Leôncio. **Uma vida em seis tempos (memórias)**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976. BRANDÃO, Octávio. **Combates e Batalhas**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978; BEZERRA, Gregório. **Memórias**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980; LIMA, Heitor Ferreira de. **Caminhos Percorridos: memórias de militâncias**. São Paulo: Brasiliense, 1982; **O Partido Comunista que eu conheci (20 anos de clandestinidade)**, Salvador: Contexto & Arte Editorial, 2000. Listagem incompleta.

^{iv} “O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo” (POLLAK, 1989, p. 12).

^v O *obreirismo* ou *proletarização* pode ser concebido, em termos sintéticos, como o processo desencadeado em fins da década de 1920 e início da década posterior que se fundava na concepção de que os partidos comunistas deveriam pertencer à sua base social, ao seu fator revolucionário, em outros termos, ao proletariado. Estes deveriam ocupar a estrutura partidária e os cargos mais importantes, posicionando-se, pois, como verdadeira vanguarda revolucionária. Tratava-se de uma orientação soviética que se desdobrou em configurações relativamente distintas nos partidos comunistas de diversos países, no PCB levou ao afastamento ou realojamento de antigos dirigentes identificados como pequeno-burgueses. Ver mais detalhadamente: SILVA, Carine Neves Alves da. **Secretariado Sul Americano e Partido Comunista do Brasil (1926-1930)**. Dissertação de Mestrado ao Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

^{vi} BASBAUM, Leôncio. **História Sincera da República**. Vol.1. São Paulo, Edições LB, 1962; Vol.2. São Paulo, Edições LB, 1962; Vol. 3. São Paulo, Edaglit, 1962; Vol. 4. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1968.

^{vii} “[...] logo após depois do meu regresso do exílio, como disse, eu havia incorporado às minhas concepções político-sociais, duas idéias que iriam nortear toda a atividade política de minha vida daí por diante: repulsa ao

A PRODUÇÃO DOS MILITANTES DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (1962-1977): HISTÓRIA E MEMÓRIA

fascismo e a plena convicção de que a solução do problema social era o socialismo científico e democrático por K. Marx e F. Engels”. BARATA, op. cit., p. 227.

viii “[...] em princípios de novembro de 1935, entreguei-me de corpo e alma ao trabalho de organização e engrandecimento do P.C.B Ibidem, p. 350.

ix “E, assim, o partido vai vivendo conduzido pelas mãos de ferro do núcleo dirigente” Ibidem, p. 367

x É necessário atentar para de que os temas tratados nas biografias e autobiografias dos militantes pecebistas durante a primeira metade do século XX por vezes também ocupavam lugar central na imprensa de autoria pecebista.

xi Nascido em 1890, em Rio Bonito, Rio de Janeiro, Astrojildo Pereira foi um militante de intensa participação no movimento operário brasileiro desde as primeiras décadas do século XX, inicialmente como anarquista. No Partido Comunista Brasileiro, que ajudou a fundar em 1922, Astrojildo Pereira foi eleito como Secretário Geral nos primeiros anos. Em 1928 passou a atuar como membro do Comitê Executivo. Morou na URSS durante os anos de 1929 e 1930, durante o período enviou cartas ao Brasil onde relatava a situação econômica, social e política do país, cartas, que posteriormente, em 1934, iriam compor um de seus trabalhos, *URSS, Itália, Brasil*. Afastado da Secretaria Geral do Partido em 1930, pela prática do “obreirismo” então vigente, Astrojildo solicitou a desfiliação em 1931 e retornou ao Partido em 1945, este afastamento formal não significou o distanciamento da militância comunista, que ocorreu através de sua atuação jornalística e literária. Faleceu em 1965, ainda filiado ao Partido. Ver sobre: FEIJÓ, Martin Cezar. **Formação Política de Astrojildo Pereira (1890/1920)**. São Paulo: Novos Rumos, 1985. LENA JUNIOR, Hélio de. **Astrojildo Pereira: Um intransigente Libertário (1917 – 1922)**. Dissertação de mestrado. Vassouras. Universidade Severino Sombra, 1999.

xii Dos artigos reunidos na publicação somente dois ultrapassam os limites 1922-1928, datando respectivamente 1954 e 1961, sendo este último o único referenciado: **Novos Rumos**, de 14 de abril de 1961.

xiii “[...] e não será difícil perceber nestas páginas mais de uma sugestão para monografias e ensaios, como também para depoimentos, memórias e reportagens, etc.” PEREIRA, op. cit., p. 10.

xiv Marly de Almeida Gomes Vianna afirma que o texto de Astrojildo Pereira seria na verdade o resultado de uma tentativa, em 1961, da escrita da história do partido a partir de uma comissão composta por Astrojildo Pereira, Apolônio de Carvalho, Mário Alves e ela mesma. VIANNA, M. A. G.; PEREIRA, A. **Nas origens do comunismo brasileiro**. São Paulo, 2012. (Prefácio, Pós-fácio/Prefácio).

xv BRANDÃO, 1963, p. 65.

xvi Ibidem, p. 68-69.

xvii Ibidem, p. 70

xviii Idem

xix Esta disputa por memória não se encerra no empreendimento autobiográfico, estende cronologicamente e a através de suportes distintos, pela imprensa operária, pela literatura, historiografia e na produção de fontes históricas. Essa é uma possibilidade de interpretação do registro, já em 1997, em entrevista de Octávio Brandão ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Ver: REGO, Otávio Brandão. Otávio Brandão (*depoimento*, 1977). Rio de Janeiro, CPDOC, 1993. 139 p. dat.

xx BATALHA, Claudio H. M. ; A historiografia da classe operária no Brasil: trajetória e tendências. In: Marcos César de Freitas. (Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. 4ed. São Paulo: Contexto, 2001, v. p. 145-158.